

# Dezenove

KALEO PEDRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Aos meus 19 anos tive meu primeiro contato consciente com pessoas trans através da Ballroom. Vivenciar uma ball pela primeira vez foi surreal. Era tudo tão bonito que ficava hipnotizado pelas performances, danças, trajes e pelas categorias que surgiam em uma única noite. Era um espaço onde quem participava mostrava seu potencial e o motivo de estar ali. Sentia que era um lugar seguro para expressar quem eu realmente era, longe do binarismo que a sociedade sempre me impôs.

Na Ballroom conheci o íntimo de pessoas trans e não apenas o que tinha ouvido de terceiros. Minha cabeça explodia. Cresci na igreja católica, onde todos daquele meio eram vistos como pecadores. Conforme assistia às balls, comecei a me questionar, estudar e me reconhecer. Passei dois anos nesse processo de autoconhecimento até me entender como uma pessoa transmasculina. Não queria ocupar um espaço que talvez não fosse meu, então conversei com pessoas trans sobre suas vivências e, em muitas delas, vi reflexos da minha própria. Através dessas leituras conheci a história de João W. Nery<sup>1</sup>, o primeiro homem trans reconhecido publicamente no Brasil, sendo uma figura pioneira pelos direitos das pessoas trans.

A infância sempre foi mágica para mim. Sentia que podia ser tudo. Tenho uma memória muito viva: quando criança via meu pai se barbear e, certo dia, decidi fazer igual. Na minha cabeça, eu também tinha barba. Peguei a gilete dele, passei no rosto, acabei me cortando. No momento em que minha mãe viu, ficou desesperada, saiu atrás de folhas de bananeira para pôr no corte. Desde aquele acontecimento fiquei curioso do porquê da folha, até que em um dia contando está história

---

<sup>1</sup>João W. Nery (1950–2018) foi o primeiro homem trans reconhecido publicamente no Brasil, autor de *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois* (2011).

# Dezenove

KALEO PEDRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

a uma amiga ela me disse que é uma folha boa para cicatrização. Naquela época morava na Serra, onde nasci, embora tenha me criado em Fortaleza.

Vim morar em Fortaleza aos 9 anos. Meu pai tinha vindo antes em busca de qualidade de vida. Quando conseguiu certa estabilidade, mandou minha mãe buscar as crianças, minhas irmãs e eu. A cidade era completamente destoante do lugar onde nasci. Na Serra, minha infância era cercada pelos encantos da natureza. Subia em árvores para pegar frutas maduras, corria pelos riachos e mergulhava nas piscinas naturais e lagoas da região. Brincava no terreiro com meus familiares, jogava pau na lata, pulava corda, disputava partidas de bila e inventava brincadeiras. Era um verdadeiro paraíso aos olhos da minha criança.

Quando cheguei à cidade, tudo pareceu encolher. Passei a brincar apenas dentro do apartamento, sem conhecer o bairro ou as pessoas que viviam ali. Foi também nessa época que meu corpo começou a mudar. Um turbilhão de hormônios tomou conta de mim: os seios começaram a crescer, os pelos surgiram e veio a primeira menstruação. Fiquei desorientado. Eu não entendia o que estava acontecendo e, mais do que isso, não me sentia bem com as transformações.

Na infância, é como se o gênero ainda não fosse uma camisa apertada. Há mais espaço para simplesmente ser. Talvez por isso, hoje, compreendo quando vejo que algumas crianças trans, acompanhadas por médicos e profissionais especializados, utilizam bloqueadores de puberdade. Esses medicamentos pausam temporariamente as mudanças do corpo, dando tempo para que possam se entender melhor e viver uma transição mais saudável, sem a dor de ver o próprio corpo se transformar em algo que não reflete quem são.

Na adolescência, me sentia deslocado entre as meninas. Não gostava e não queria performar o que diziam ser “coisa de menina”. Era cobrado pelas pessoas em volta, principalmente na escola

# Dezenove

KALEO PEDRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

a agir como as outras figuras femininas, escutava e recebia comentários insensíveis, foi desconfortável fingir gostar de algo só porque a sociedade dizia que era o certo para uma “mulher”.

A Ballroom abriu portas para que eu questionasse o que é gênero. Tive resistência em me definir como trans porque acreditava que minha transição seria tardia, que meu tempo havia passado e que precisaria performar o gênero que me atribuíram até o fim desta encarnação. Conforme tive contato com pessoas trans, travestis e não binárias, entendi que podia iniciar minha transição de forma aberta em qualquer idade. Muitas pessoas começam na vida adulta, como Amara Moira<sup>2</sup> que iniciou aos 29 anos e Maria Rocha<sup>3</sup>, a criadora da plataforma online TransEmpregos que se “assumiu” trans depois dos 40 anos.

Quando finalmente me aceitei, senti um alívio profundo. Não precisava mais performar alguém que não era. Com a aceitação veio também a disforia, que foi difícil e ainda é em alguns momentos. Tento me entender e me acolher, sabendo que a disforia também nasce das expectativas sociais sobre como devemos existir no mundo.

Com o tempo adquiri e ganhei roupas, acessórios, como o binder e tape, uma peça usada para ocultar os seios e aliviar a disforia de gênero, assim me ocasionando conforto. Contei primeiro a uma irmã em quem confio; ela me ajudou a contar para as outras. Meus pais acompanharam o começo da transição de forma silenciosa. Adiaava conversar com eles por medo. Escutei relatos intensos de outras pessoas trans e, mesmo acreditando que minha família poderia reagir diferente, o receio permanecia.

---

<sup>2</sup>Amara Moira é escritora, professora e ativista travesti. Autora de *E se eu fosse puta* (2016), é uma das vozes mais importantes sobre gênero e sexualidade no Brasil.

<sup>3</sup>Maria Rocha é advogada, empreendedora e ativista trans. Criadora da plataforma *TransEmpregos*, que conecta pessoas trans a oportunidades de trabalho no Brasil.

# Dezenove

KALEO PEDRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Mesmo observando minha transição, nunca perguntaram sobre a forma como passei a me expressar. Aos 21 anos, viajei para ver minha mãe e vi ali a oportunidade de conversar. Disse que tinham me batizado com um nome e que agora respondia por outro. Ela disse: “Tudo bem, eu vou te amar independente de quem tu é; só quero que você seja uma boa pessoa, que tenha um coração bom.” Chorei. Tirei um peso enorme das costas. Não precisava mais me esconder da pessoa que me colocou no mundo, a minha mãe. Chorei até dormir.

Contei ao meu pai dois anos depois, quando pretendia começar o tratamento hormonal, não queria que ele ficasse sem entender o que estava acontecendo. Não lembro se contei de forma virtual ou por bilhete, mas acredito que tenha sido por bilhete, já que sempre usei a escrita para me expressar. Ele respondeu: “Por que sou sempre o último a saber?” Expliquei que tinha referências complicadas da relação com ele desde que minha mãe foi embora.

Na primeira consulta com a endocrinologista estava apreensivo. Não sabia o que a médica iria perguntar. Ela solicitou exames e percebi que não era um bicho de sete cabeças. Confesso que saí frustrado por não começar ali mesmo, mas entendi que era o procedimento. Quando voltei para entregar os exames solicitados, ela me deu a receita do hormônio, fiquei eufórico. Era o início da hormonização que tanto sonhava e dos resultados que desejava alcançar.

Com o início do tratamento hormonal, observei mudanças significativas no formato do rosto e na entonação da voz, que começou a ficar mais grave. No começo foi difícil lidar com essas transformações. Tive picos de testosterona e senti o corpo reagindo de forma intensa, como se queimasse por dentro. Era o organismo se habituando ao hormônio. Quando os pelos do rosto começaram a crescer, vieram também coceiras na face e uma nova sensação de descoberta. No instante em que percebi os primeiros fios do meu bigode, minha mente travou. Senti uma mistura de alegria e medo. Era algo simples, mas carregado de significado.

# Dezenove

KALEO PEDRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Algumas pessoas diziam que eu me tornaria agressivo, como se a testosterona trouxesse violência junto com as mudanças físicas. No entanto, o que aconteceu foi o contrário. Fiquei mais sensível, mais propenso a chorar. No início, as mudanças foram discretas, já que a quantidade de testosterona no meu corpo ainda era menor do que a de um corpo lido como “biologicamente feminino”. Ainda assim, cada pequena transformação me fazia reconhecer um pouco mais de mim.

Tenho buscado manter a calma e não me cobrar por ainda não ter os traços que desejo. A disforia aparece, em alguns dias de forma mais intensa, em outros de forma quase silenciosa. Mas venho tentando me entender ao máximo, acolhendo o tempo do meu corpo e respeitando o processo.

Hoje, quando olho para o baby trans que fui, sinto orgulho por não ter deixado o preconceito me esconder de novo. Tento auxiliar outras pessoas trans e facilitar suas trajetórias, mostrando onde podem iniciar o tratamento hormonal de forma segura e gratuita, onde podem retificar o nome e acessar seus direitos. A caminhada foi solitária. Não havia pessoas transmasculinas por perto. Minhas amigas travestis e pessoas não binárias foram fundamentais. Elas me acolheram como puderam, mas eu sentia falta da referência de um transmasculino mais velho. Em Fortaleza, não conhecia nenhum; só via alguns no Sudeste, pela internet.

Atualmente, tenho muitos amigos trans, tanto onde moro quanto espalhados pelo mundo. Essa rede de afeto e apoio tem sido essencial. Vejo que é fundamental reconhecer quem veio antes de mim, para que possamos entender como melhorar o futuro dos babies trans que existem e dos que ainda estão por vir.

# Dezenove

KALEO PEDRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Quero que pessoas trans saibam que são dignas de viver seus futuros possíveis, como qualquer outra pessoa neste mundo. Hoje entendo que minha trajetória também é ferramenta de cuidado e resistência, e sigo buscando abrir caminhos para outras pessoas trans.

## Referências

MOIRA, Amara. *E se eu fosse puta*. São Paulo: Hoo Editora, 2016.

NERY, João W. *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*. São Paulo: Leya, 2011.

ROCHA, Márcia. “Há algumas décadas, a fala das pessoas trans era inexistente”. Entrevista concedida a Luciano Teixeira. *LexLatin*, 28 jun. 2021. Disponível em: <https://br.lexlatin.com/entrevistas/marcia-rocha-ha-algumas-decadas-fala-das-pessoas-trans-era-inexistente>. Acesso em: 12 nov. 2025.

# Dezenove

KALEO PEDRO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

**Original recebido em: 05 de novembro de 2025**

**Aceito para publicação em: 16 de dezembro de 2025**